

Pra frente Brasil Bolsonarista e o discurso midiático aproximado ao anti-intelectualismo e a enunciados do nacional-socialismo

Forward Bolsonaroist Brazil and the media discourse approaching anti-intellectualism and the statements of National Socialism

André MALINA¹
Caroline Correia MACIEL²
Leon Ramyssés Vieira DIAS³
Ângela Celeste Barreto de AZEVEDO⁴

Resumo

O presente artigo buscou verificar a tendência da extrema-direita brasileira contida no discurso bolsonarista. Metodologicamente, baseou-se em fontes bibliográficas acadêmicas e da mídia, analisando o discurso de governantes e apoiadores bolsonaristas. Como resultados, observaram-se indicativos que apontam para um movimento antiintelectualista e ideológico na sociedade brasileira e para perigosas aproximações com o discurso nacional-socialista inferindo a uma possível migração para um capitalismo de Estado de extrema-direita como pretensa salvação da civilização ocidental.

Palavras-chave: Política. Discurso Público. Nostalgia. Ditadura. Nacional-Socialismo.

Abstract

This article sought to verify the tendency of the Brazilian far-right contained in the Bolsonaroist discourse. Methodologically, it was based on academic and media bibliographic sources, analyzing the speech of government officials and supporters. As a result, indications were observed that point to an anti-intellectualist and ideological

¹ Pós-Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ). Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenador Adjunto do Grupo de Estudos e Pesquisas Vitor Marinho/UFRJ. E-mail: andremalina@yahoo.com.br

² Doutoranda em Educação pela UFMS. Membro do grupo de estudos e pesquisa Vitor Marinho/UFRJ. Membro do grupo de estudos HISTEDBR/MS. E-mail: carol.maciel85@hotmail.com

³ Mestre em Tecnologia para o Desenvolvimento Social (PPGTDS/UFRJ). Professor na Rede Municipal de Araruama. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Vitor Marinho/UFRJ. E-mail: leon_mv1@hotmail.com

⁴ Pós-Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ). Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Vitor Marinho/UFRJ. E-mail: angelaestagio@yahoo.com.br

movement in Brazilian society and to dangerous approximations with the national-socialist discourse, inferring a possible change to extreme right-wing state capitalism as the alleged salvation of Western civilization.

Keywords: Politics. Public Discourse. Nostalgia. Dictatorship. National-Socialism.

Introdução

Nos últimos anos, nota-se no Brasil uma polarização político-ideológica de diferentes grupos sobre interpretações relativas ao Estado e à sociedade. Tais interpretações, quando fruto de debates políticos aprofundados, podem suscitar elementos teóricos para pensar o Estado, a sociedade e a política. Quando realizados de maneira superficial e pautados no senso comum, no entanto, o produto pode ser a (in)compreensão da realidade com análises distorcidas e equivocadas. Essas discussões evidenciam forças antagônicas que tensionam e permeiam a sociedade: “democracia *versus* ditadura”, “socialismo *versus* capitalismo”, “ciência *versus* fé”, entre outras, gerando ideias controversas e pensamentos afastados da racionalidade científica, recaindo, por vezes, sobre um anti-intelectualismo que eleva questões ideológicas a termos exponenciais.

O elemento global norteador desse formato anti-intelectualista formou um bloco mais ou menos unificado e ideológico pela direita, com Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos da América, mas que abrange desde a Hungria com o líder Viktor Orbán, até Recep Erdogan na Turquia. Mais ainda, também no Brasil tem-se o presidente Jair Messias Bolsonaro que vem suscitando análises por razões variadas que vão ao encontro de indagar-se sobre uma tentativa de impor uma ‘*nova ordem*’ em acordo com outras lideranças globais do mesmo espectro político. Desse modo, é acerca desse fenômeno que o presente artigo está motivado para o processo de investigação.

Tendo em vista a complexidade de análise da atualidade para compreender esse fenômeno apontado anteriormente, é relevante ressaltar que não é de fácil entendimento relações formatadas pelo Governo Federal no Brasil, como o negacionismo à doença da Covid-19 e às medidas de enfrentamento ao Coronavírus; as investigações de corrupção de membros do governo e aliados; a tentativa de desenvolvimento econômico pelo viés liberal apesar do declínio financeiro do país. Como exemplo dessa dificuldade de compreensão, nota-se, em Sanahuja (2019), por exemplo, afirmações que o Ministro da

Economia Paulo Guedes conservaria um neoliberalismo rígido compromissado com o capitalismo liberal e que apareceria em “novas forças de direita nacionalista”. O autor, no entanto, destaca também que existe uma ordem internacional liberal, afirmando que a eleição de Bolsonaro é uma tendência da extrema direita e se apresenta como revolta contra a ordem internacional liberalista.

Mais ainda, quando realizada uma busca, bem como o estudo de artigos que abordam as relações do Governo Federal, identificou-se dificuldades de enquadramento nos termos atribuídos ao Presidente Bolsonaro, oscilando entre “extrema-direita”, “populista”, “fascista” e “nazista”. Essas definições foram atinadas em publicações acadêmicas a partir de buscas com o nome de Bolsonaro de três maneiras distintas - Jair Bolsonaro, Bolsonaro e Jair Messias Bolsonaro.

Em relação às definições imputadas ao Presidente, Almeida (2019), por exemplo, mostrou abordar a temática com ênfase ao termo extrema-direita. Araújo e Prior (2020), utilizaram a variante inglesa *populist*. Em associação do discurso de Bolsonaro com questões midiáticas, Neto (2019) apropriou-se de mais de um dos termos à medida em que considerou que o atual presidente “pode ser classificado como a representação de um campo político de extrema-direita, (neo)populista e que expressa aspectos de um fascismo de novo tipo (p. 97)”. De forma menos recorrente nas produções acadêmicas, o termo nazismo aparece nas discussões de Lima e Lima (2020) com uma única citação no texto, associando-o ao discurso, à mídia e às elites brasileiras.

Diante desse cenário complexo, contraditório e de difícil definição elucidado pelas produções acadêmicas e pela base material em tempo presente, o presente artigo apresenta como objetivo analisar a tendência contida no discurso do governo Bolsonaro e apoiadores com aproximações ao anti-intelectualismo e a enunciados político-ideológicos do nacional-socialismo.

Metodologicamente essa investigação enquadra-se como uma pesquisa social de natureza exploratória, pois tem como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (DIEHL; TATIM, 2004, p. 53). Para auxiliar nessa produção de hipóteses e familiarização do problema, pretende-se perscrutar os seguintes questionamentos: (1) Há uma tendência da extrema-direita brasileira ao anti-intelectualismo? (2) Identificam-se aproximações discursivas do governo Bolsonaro e apoiadores ao discurso nacional-socialista?

Para atingir o objetivo estabelecido e dialogar com as questões apresentadas, a investigação baseou-se em fontes bibliográficas acadêmicas e da mídia, que pretenderam mostrar a conjuntura atual, em especial minúcias que envolveram relações do Governo Bolsonaro. Para análise, houve fulcro ao conceito de Estado moderno proposto por Hayek, em texto publicado no ano de 1944, antagônico à concepção socialista de Estado de Mészáros (2011). A escolha por Hayek como referencial foi definida diante da perspectiva do autor de apresentar em sua teoria liberal um debate sobre o Estado no fim da Segunda Grande Guerra criticando comunismo e fascismo, elementos que estão presentes nos debates atuais sobre o Governo. A preferência por Mészáros tange o propósito de ampliar o entendimento desse movimento mediante uma ótica antagônica de Estado de Hayek, nesse caso a partir da teoria marxista.

Entende-se que os autores supracitados podem auxiliar na compreensão dos conflitos que convergem de um Governo reconhecido pela literatura acadêmica como de extrema-direita/fascista/nazista/populista, aparentemente liberal na economia, cujo inimigo comum é o comunismo – visto como uma forma polissêmica de tratar posturas divergentes.

Desse modo, como forma de exposição do presente artigo, foi definido organizá-lo em três momentos. No primeiro momento buscou-se contextualizar a queda do projeto de conciliação capital-trabalho implementada durante o período de governo do Partido dos Trabalhadores. Em seguida, pretendeu-se apresentar e analisar – com base na mediação teórica apoiada especialmente em Hayek (2010) e Mészáros (2011) – fontes bibliográficas que configuraram o movimento de tomada e modificação do Estado brasileiro. Por fim, no terceiro momento, também à luz de Hayek e Mészáros, mas também apoiado em Beaud (1987), a análise delineou-se sobre fontes bibliográficas e da mídia sobre aproximações discursivas do Estado brasileiro ao anti-intelectualismo e a enunciados da concepção nacional-socialista (doutrina nazi-fascista hitlerista).

A crise do projeto de conciliação de classes: reflexões sobre o governo do Partido dos Trabalhadores e a construção do anti-intelectualismo

Apresenta-se agora elementos teóricos específicos com ênfase ao contexto que culminou na eleição de Bolsonaro. Nesse sentido, o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), iniciado na esfera federal no ano de 2003 com duas gestões de Luiz

Início da “Lula” da Silva e encerrado em 2016 com o impeachment de Dilma Rousseff apresentou algumas particularidades. Araújo (2018) trata essas particularidades como contradições, de modo que elas possuem relação direta com a atual conjuntura do país, sendo capazes de explicar alguns dos fenômenos presentes no Governo Bolsonaro, como a ampliação do processo de financeirização do campo social como medida de combate ao desemprego e o investimento para proporcionar o máximo de crédito nos processos de produção e reprodução, sem levar em conta os problemas que a capacidade de reprodução do capital industrial poderia gerar, bem como os limites do consumo.

As contradições entre os avanços nas pautas sociais beneficiando parte da população mais pobre e o solo fértil para a reprodução do grande capital foram se acumulando até sua interrupção na crise política e econômica que culminou num golpe político com a saída do governo Dilma. Em 2016 ocorreu a derrubada do governo petista, via acusações de corrupção, mas levada a termo por um processo político que aparentava um golpe fruto das eleições de 2014. Ao longo desse processo, as chamadas “forças de esquerda” não conseguiram lograr êxito em se organizar para evitar o impeachment/golpe e frear “forças de direita” (AMARAL, 2015).

Uma das esferas da direita, representada no poder pelo Vice-Presidente Michel Temer, assume a presidência beneficiado com o impeachment e rompe com o projeto político-econômico dos anos anteriores, em aliança com os opositores e insatisfeitos com o governo PT (o antipetismo jurídico e social), incluindo quase todos os setores do empresariado e da indústria. Foi nesse movimento que se abriu espaços para ascensão da extrema direita no Brasil mediante a candidatura de Bolsonaro à Presidência da República (HENRIQUES *et al*, 2018, p. 9).

Desse modo, a chegada de Bolsonaro à presidência foi marcada por polarizações e extremos a partir do acirramento da “direita *versus* esquerda”. Essa polarização foi marcada por posicionamentos antagônicos em distintas situações. Com os elementos que deram a tônica dos distintos debates (informações e desinformações misturadas, por exemplo) nota-se que foi instaurada algumas situações com ideias conspiratórias a partir de formações do senso comum, como o caso de uma suposta ameaça do comunismo ou de um imaginário Estado socialista vivido durante a gestão Lula-Dilma.

A associação do comunismo como ameaça e afirmação da sua materialização no Brasil indica um cenário conspiratório e fictício se se observar Mészáros (2011). Este explica que a relação entre Estado e socialismo seria um processo transitório, na busca

efetiva pelo feneçimento do capitalismo. Nesse caminho, a socialização dos meios de produção deveria ser o ponto crucial para uma realidade que possa alcançar uma sociedade sem classes. Sobre isso, salienta que “O problema desta visão sempre foi que, na realidade, nada corresponde à pretensa “socialização dos meios de produção” (apenas *estatizada* e não *socializada*) nem, muito menos, ao “Estado *socialista*” (p. 507).

Os fundamentos teóricos de Mészáros (2011) ajudam a entender que o Estado socialista nunca foi constituído no Brasil e a ideia que ascende em uma parcela da sociedade está distante da realidade concreta e aproximada à uma concepção reproduzida pelo senso comum. Inclusive, pode-se fazer uma analogia à luz de Hayek (2010) acerca da produção da ideia de um Estado socialista durante o governo PT quando observadas as principais críticas proferidas por tal autor referente ao Estado socialista. Essas críticas estiveram pautadas no discurso de que o socialismo é vinculado ao totalitarismo e teria relevantes aproximações ao sistema nazista e fascista.

A propositura elaborada por Hayek (2010) estabelece tais relações de equivalência entre o nazismo, o fascismo e o comunismo e desvincula o liberalismo como fundamento do nacional-socialismo. Com isso, elege o Estado no modelo liberal como o mais adequado para sustentação do processo civilizatório. Mészáros (2011), entretanto, indica um contraponto ao mostrar que o Estado socialista tem como princípio acabar com a propriedade privada dos meios de produção e socializar riquezas geradas em novas relações sociais de produção levando à extinção das classes sociais.

Mészáros (2011) também auxilia na compreensão de como Hayek (2010), além de modificar o rumo do processo histórico a seu favor, ilumina o grande inimigo a ser combatido: o projeto socialista, como mostra a citação abaixo:

A força orientadora da apologia que Hayek faz do capital é o ódio patológico ao projeto socialista (...). A lente distorcida de seu ódio, encerrada em mais um “argumento” circular, transforma até Aristóteles num deplorável socialista, com base em que na cada vez mais desperdiçadora “ordem econômica ampliada” do capital (MÉSZÁROS, 2011, p. 195).

Apesar das discussões em torno do comunismo, do socialismo, do nazismo e do fascismo estarem presentes na sociedade atual, percebe-se que, diferente de um debate teórico, assim como foi produzido por Hayek (2010) e Mészáros (2011), cresce um movimento anti-intelectualista com inclinações fascistas que parecia distante do Brasil.

Nessa perspectiva anti-intelectualista, nos últimos anos observou-se a ascensão de estratégias de mídia da extrema-direita (CASTRO e CAVALCANTE, 2019) sustentada por ideias aparentemente liberais na economia, conservadoras na política e autoritárias na esfera social. Até o momento, admite-se certa proximidade em maior ou menor grau com paradigmas liberais, inclusive na crítica ao socialismo, de certo modo universalizado como sinônimo do governo PT.

O combate à ideia de o Brasil vir a tornar-se socialista, no entanto, não parece crível, à medida que nos anos do governo PT não houve propósito de romper com o Estado ou com o modo de produção capitalista e, tampouco, a socialização dos meios de produção. Houve, porém, a tentativa de uma política de conciliação entre capital e trabalho que produzisse mecanismos redistributivos via, por exemplo, políticas sociais.

Além disso, Mézáros (2011, p. 567) aponta ainda que o processo de extinção do Estado (ainda que após uma estatização da economia não ocorrida no Brasil) não deve ocorrer por uma série de medidas político-administrativas, mas sim pela revolução social, que só seria bem-sucedida se fosse universal/global.

Já a perspectiva de análise de Hayek (2010), evidenciou a perspectiva liberal como uma proposta societária de referência, a qual seria o melhor modelo para desenvolvimento econômico-social. Fundamentada no *laissez-faire*, tal concepção indicava propiciar maiores condições de liberdade e prosperidade, em contraposição ao socialismo, que segundo o autor estaria inclinado à escravidão, à miséria, ou ainda à servidão. Além disso, buscava o resgate da civilização ocidental e seus valores. Isso se confirma na citação a seguir:

[...] este desdobramento apenas confirma as advertências dos fundadores da filosofia liberal que ainda professamos. Fomos aos poucos abandonando aquela liberdade de ação econômica sem a qual a liberdade política e social jamais existiu no passado. Embora alguns dos maiores pensadores políticos do século XIX, como de Tocqueville e Lord Acton, nos advertissem de que socialismo significa escravidão, fomos continuamente avançando em direção ao socialismo. E agora, tendo visto uma nova forma de escravidão manifestar-se diante de nós, já esquecemos de tal modo essa advertência que mal nos damos conta da possível relação entre as duas coisas (HAYEK, 2010, p. 39).

Atualmente, radicalizando Hayek, deturpa-se a história e realizam-se leituras enviesadas (COUTO NETO, 2019; ARAÚJO, 2019; BUDÓ, MALVASIO, BONATTO, 2017), considerando nazismo e fascismo como movimentos de esquerda. Por exemplo,

cite-se literalmente o Ministro das Relações Exteriores (Araújo, 2020a): “Ocorre-me propor uma definição: o nazista é um comunista que não se deu ao trabalho de enganar as suas vítimas (p. 4)”, escrito em seu artigo crítico à Zizek no blog Metapolítica. Ou ainda: “Também já disse e repito: o verdadeiro inimigo que o comunismo quer abater não é o capitalismo, o inimigo do comunismo é o espírito humano, na sua complexidade e beleza” (p. 4). Além disso, em outro artigo postado: “A esquerda fica apavorada cada vez que ressurge o debate sobre a possibilidade de classificar o nazismo como movimento de esquerda. [...]. Eu opinei que o nazismo é de esquerda [...]” (ARAÚJO, 2020b, p. 1).

De outra forma, Hayek (2010), assim como os atuais críticos do socialismo/comunismo, não considera o fim do Estado moderno como pressuposto socialista, mas o vincula ao seu inchaço, além de estabelecer relações com o totalitarismo. Para Hayek (2010), nazismo, fascismo e comunismo possuíam apoio de pessoas de mesma mentalidade. Além disso, enfatizavam o liberalismo como verdadeiro inimigo e impossibilitado de obter qualquer entendimento com a liberdade individual. De um lado, ao buscar resgatar os valores da civilização ocidental, Hayek (2010) constata uma degradação progressiva e com um ponto de culminância: o nacional-socialismo e as consequências impostas pelo nazi-fascismo. Quanto à tal degradação, teria raízes no comunismo e o consequente coletivismo via planificação econômica. Daí que, em especial o comunismo, hospedaria a gênese do que seria o nazismo contido no nacional-socialismo. Com isso, o liberalismo ficaria isento das razões causadoras da tragédia da Segunda Grande Guerra, assim como ficaria eximido.

Ideologia demarcada, economia à deriva, ascensão do anti-intelectualismo e aproximações com o nacional-socialismo: análise à luz de Hayek, Mézaros e Beaud

Em uma época diferente, quase oitenta anos depois, indaga-se se o Governo Bolsonaro e sua equipe defendem ideais similares aos do nacional-socialismo. Bolsonaro, desde candidato, buscou o intento de uma “nova política”, que revelou em seus apoiadores e simpatizantes uma face autoritária já conhecida no país imiscuída com uma premissa de liberalismo econômico. Nessa época, em 2018, cresceram os movimentos antidemocráticos e inconstitucionais que apoiavam a extinção das

entidades democráticas (Supremo Tribunal Federal e Congresso Nacional) e clamavam pela intervenção militar – um novo golpe para a volta de uma Ditadura Militar.

Junto a esse cenário, o pensamento científico tornou-se ideológico à medida que passou a contestar alguns dos preceitos políticos hegemônicos. Logo, o discurso anticientífico ganhou força: rebatendo-se dados científicos com opiniões pessoais (FONSECA, 2020. LINS, 2020. ARAÚJO, 2019). Nessa mesma linha, retomaram-se questões que até então pareciam superadas, como o terraplanismo (BARBOSA, 2020; LINS, 2020; NARVAI, 2020; ARAÚJO, 2019). Além disso, questionaram-se os impactos do aquecimento global (DESCAMPS, LEBEL, 2020; HENNING, 2019), revelando o avanço do anticientificismo impulsionado pelo Governo Bolsonaro e seus apoiadores. Tal fato desdobra-se, inclusive, no enfrentamento à pandemia do novo Coronavírus, a partir do incentivo de formas arbitrárias de uso de medicamentos e receitas de eficácia não comprovada no tratamento da doença (ALMEIDA FILHO; 2020; FONSECA, 2020; NARVAI, 2020). Conforme Herdy (2020), houve no rol de apoiadores de Bolsonaro um processo de adesão à ideia de que o isolamento social seria uma proposta comunista. Na mesma perspectiva e em paralelo; promovem-se campanhas antivacinas (TEIXEIRA, SANTOS, 2020; ALVES *et al*, 2019).

No polo da mídia, espalharam-se notícias falsas (*fake news*) como propaganda ideológica positiva para o governo Bolsonaro e negativa para os que são contra este governo (TEIXEIRA e SANTOS, 2020; FONSECA, 2020; MIGUEL, 2019; RECUERO, GRUZD, 2019). Desse modo, criaram-se inimigos a serem combatidos, entre outras teorias conspiracionistas. As questões supracitadas apontam para um movimento anti-intelectualista na sociedade brasileira, com um pano de fundo ideológico para a manutenção de um projeto político-ideológico de extrema-direita. Esse movimento indica e fomenta uma banalização do pensamento científico, promovendo análises superficiais e rasteiras.

Mészáros (2011), entretanto, quando aborda a necessidade da emancipação humana, enfatiza a importância do desenvolvimento pela arte, pela literatura, e pela filosofia de forma indireta na superestrutura legal e política. Sobre isso considera que:

O resultado é que práticas teóricas, filosóficas, artísticas etc., só podem intervir indiretamente no processo social de transformação por meio da *mediação* necessariamente *oblíqua* da superestrutura legal e política. Paradoxalmente, contudo, o exercício efetivo dessas formas potencialmente emancipatórias de consciência social (incluindo a arte

e a literatura) precisa, como seu veículo, dos complexos instrumentais da superestrutura legal e política, apesar de esta última (...) constituir o alvo mais óbvio e imediato de sua crítica (MÉSZÁROS, 2011. p. 469).

Percebe-se, à vista disso, que a interferência da arte, da filosofia e da literatura para a formação humana seja fundamental, embora não necessariamente um indivíduo com formação superior exerça essa prática. Essa condição anti-intelectualista, inclusive acerca de sujeitos com “boa” formação, pode ser expressa na visão do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, quando afirma, por exemplo, que a globalização (que inclui o ideal de um comércio mundial) tornou-se uma ameaça à civilização. Em crítica escrita a Slavoj Žižek, o ministro aponta que a globalismo substituiria o socialismo no estágio preparatório para o comunismo, atacando a democracia e a economia. Sobre isso, aponta-se aqui, entretanto, uma virada de um discurso anti-intelectualista para uma ruptura com os padrões neoliberais atuais, buscando apagar determinados mecanismos de sustentação como são os organismos multilaterais.

Por outro lado, Ernesto Araújo já havia se pronunciado anteriormente, direcionando a crítica para a China, país que atualmente amedronta a extrema-direita, em especial os Estados Unidos. A aliança de diferentes países contra o socialismo não é um fenômeno novo, se observado com o distanciamento necessário. Em Mézáros (2011, p. 150), esse fenômeno:

[...] não surgiu sem a cumplicidade atuante, por muitos e muitos anos, de poderosas seções do capital estrangeiro, alimentando seu próprio “projeto Internacional” de eliminar para sempre, por meio da ação de Hitler e Mussolini, o projeto socialista “Internacional mecânico” de Marx.

Nesses termos, cabe salientar, conforme a crítica de Mézáros (2011), o modo variável, impreciso e difuso de Hayek (2010) sobre como haveria uma pretensa identidade progressiva entre nacional-socialismo e comunismo. Ainda que possa estar sob o signo do relativismo, é uma fala levantada repetidamente no momento atual, mesmo que se desconheça o conteúdo – quer de forma superficial, quer de forma aprofundada – contido no pensamento de Hayek. Nas palavras de Araújo (2020a, p. 1), ainda sem citar Hayek:

[...] podemos facilmente notar que o nazismo tinha traços fundamentais que recomendam classificá-lo na esquerda do espectro político. O nazismo era anti-capitalista, anti-religioso, coletivista, contrário à liberdade individual, promovia a censura e o controle do pensamento pela propaganda e lavagem cerebral, era contrário às estruturas tradicionais da sociedade. Tudo isso o caracteriza como um movimento de esquerda.

Sem outra saída na narrativa de Araújo (2020a), Hayek é enunciado como argumento de autoridade: é “impossível saber se foi tudo planejado, possivelmente não, mas o impulso e a forma geral desse gigantesco movimento - o nazismo como ponta de lança do movimento revolucionário comunista – parece bastante visível, tal como apontava Hayek” (p. 2).

Hayek (2010) parece acertar no fenômeno analisado (o nacional-socialismo), mas erra nas raízes que o fundamentam, pois atribui esse fenômeno às matrizes socialistas por igualar pretensa variante do totalitarismo, em especial nas aspirações econômicas. Por isso, é importante notar-se a semelhança discursiva do nacional-socialismo com o atual momento de combate (embora hoje aliançado) ao pensamento neoliberal no formato atual.

De forma aparente, o neoliberalismo é a doutrina de pensamento econômico hegemônica na atualidade, mas isso ainda não está claro *in totum*, pelo menos para referências da extrema-direita, já que os mecanismos regulatórios e de mediação, estão sob acusação de comunistas, e os Estados fecham-se sob lemas de líderes carismáticos. Veja-se o risco para o liberalismo em Beaud (1987, p. 287-288): “[...] o programa do Partido Nacional Socialista, em 1920, tem aspectos nitidamente anticapitalistas (...) preconiza a nacionalização das sociedades de ações, que se tornarão "bens da comunidade nacional". E continua:

À medida que o movimento nacional-socialista vai se implantando na média e pequena burguesia, e, sobretudo, que se aproxima do grande capital industrial e financeiro, o movimento nazista põe em surdina essa dimensão anticapitalista (1927), e os promotores dessa corrente são eliminados já na tomada do poder (1933- 1934). (BEAUD, 1987, p. 289).

Por exemplo, para Ernesto Araújo, o comunismo chinês está posto em conjunto com ideais liberais de organizações multilaterais globais e globalistas (como são chamados) em um ecletismo teórico-metodológico. Daí, não se entende essa mistura,

senão conhecendo fundamentos, em um ponto ou outro, que traz um perigo antigo: o fascismo e a sua variante mais perigosa, o nacional-socialismo nazista, a recrudescer uma pretensa salvação da degradação do homem e da civilização cristã ocidental por meio das suas soluções *sui generis* de eliminação ou expulsão de, pelo menos, parte da humanidade.

Cabe observar que Hayek (2010, p. 163) afirma que é “um engano comum considerar o nacional-socialismo uma simples revolta contra a razão, um movimento irracional sem antecedentes intelectuais. Se assim fosse, constituiria um perigo bem menor”. Nesse sentido, hoje também não se trata, aparentemente, somente de ideias antiintelectualistas com dogmas como o terraplanismo ou a variação de narrativas que se aproximariam caricaturalmente ao pós-moderno ou ao relativismo discursivo. Como exemplo, pode-se ver, por exemplo, a fala da então Secretária de Cultura, Regina Duarte, em entrevista de abril de 2020. Entre outras coisas, cantou a música Pra Frente Brasil – em tom de homenagem à Ditadura Militar (1964-1985) –, feita para exaltar a Seleção Brasileira de futebol que conquistou a Copa do Mundo em 1970 (ROCCO JUNIOR, 2018). Ainda mais, relativizou a tortura decorrente desse regime ditatorial dizendo que existe tortura em qualquer tempo e lugar.

O ecletismo teórico-metodológico não é justificativa para pensar-se em ausência de teoria ou metodologia, mesmo que superada, equivocada nos fundamentos ou no conteúdo proposto, escondido como trumpismo, olavismo ou bolsonarismo. Mesmo assim, realmente tem-se um movimento que encontrou eco social, inclusive nas pessoas que mais sofrem com esse tipo de proposta: os trabalhadores e desvalidos.

Repare-se, contudo, a partir dessa longa citação, como vê-se semelhanças discursivas:

A partir de então é o misticismo da nação e da raça, do sangue e da força que prevalecem. Hitler: "Não é a inteligência fazendo distinções muito sutis que tirou a Alemanha de seu infortúnio, mas sim nossa fé [...]. A razão vos teria desaconselhado de vir a mim e apenas a fé vos dirigiu". E Goebbels a Hitler: "Em nosso profundo desespero, nós encontramos em Vós aquele que mostra o caminho da fé [...]. Vós fostes para nós a realização de um misterioso desejo. Vós dirigistes à nossa angústia palavras de libertação. Vós forjastes nossa confiança no milagre que virá". E é a histeria inflamada pelas palavras: "Alemanha, acorda!" — "Deutschland über alles!" ("A Alemanha acima de tudo"). "Os povos que renunciam manter a pureza de sua raça renunciam ao mesmo tempo a unidade de sua alma". "O papel do

mais forte é o de dominar e não o de se fundir com o mais fraco." (BEAUD, 1987, p. 289).

Ao analisar-se o lema alemão "*Deutschland über alles!*" ("A Alemanha acima de tudo!") pode-se tecer comparações ao lema americano (*American First*) – embora este seja atribuído mais a uma perspectiva econômica – e, especialmente, ao brasileiro (Brasil Acima de Tudo e Deus Acima de Todos). Curiosamente, entretanto, há judeus (de direita) apoiando o atual governo Bolsonaro, como mostram Grin, Gherman e Karaciki (2019).

Ainda mais, observe-se semelhanças discursivas: Goebbels em referência à Hitler: “nós encontramos em Vós aquele que mostra o caminho da fé” (BEAUD, 1987). Compare-se à fala do Ministro da Justiça André Luiz Mendonça (Mendonça) ao declarar-se servo do governo e afirmar no discurso de posse em abril de 2020 que Bolsonaro “tem sido nos últimos trinta anos um profeta no combate irrestrito à criminalidade”. Como reverendo na Igreja Presbiteriana e com doutorado na Espanha em Estado de *Derecho y Gobernanza* Global, não é crível que Mendonça não soubesse o que estava falando ao imiscuir Estado (ao qual é subordinado) e religião ao invés de discursar sobre como operar constitucionalmente pela via do Estado democrático de Direito. Recebeu sedutora resposta em alusão à indicação ao cargo de Supremo Tribunal Federal (STF) por Bolsonaro, que o chamou de “terrivelmente evangélico” (senha para indicação ao STF ao gosto de Bolsonaro, conforme afirmou em julho de 2019).

Nessa perspectiva, ainda há mais fatos, simbólicos ou não, do atual governo que podem ser considerados como aproximados à perspectiva nacional-socialista, como: (1) Um vídeo público em janeiro de 2020, sob a forma de encenação, com Roberto Alvim (antecessor que na época estava à frente da Secretaria de Cultura) imitando uma fala de Joseph Goebbels; (2) Um post em maio de 2020 da Secretaria Especial de Comunicação da Presidência da República (SECOM), com os dizeres “[...] o trabalho, a união e a verdade libertarão ao Brasil”, atribuído por afinidade ao lema nazista “O Trabalho Liberta”, embora o Secretário, Fábio Wajngarten tenha negado (ele próprio disse ser judeu).

Dado esse contexto, faz-se necessário repensar o caminho oferecido para o aprofundamento do capitalismo. O momento atual exige e é propício, pois “a natureza e a lógica do capital oferecem tão somente a perspectiva de uma implacável ordem

corporativa da qual a Alemanha de Hitler já nos deu seu antecedente tangível” (Mészáros, 2011, p. 908).

Dessa forma, preliminarmente, após as mediações realizadas considera-se que há coincidências entre o nacional-socialismo e aspectos do momento atual comparáveis, sob alguns elementos, apesar das modificações conjunturais de tempos históricos distintos. Hayek, astuto defensor do liberalismo e fundamento do que hoje se define, com imperfeições, como neoliberalismo, não era defensor do nacional-socialismo, mas era um combatente do comunismo, assim deslocando o problema da ascensão do nacional-socialismo como se fosse matizado anteriormente no comunismo. Hoje, ao contrário, verifica-se o nacional-socialismo fundamentando, pelo menos em certos aspectos, tentativas e teses atuais *vis-à-vis* aos discursos políticos, religiosos e pretensamente teóricos, mas com o inimigo de sempre: o comunismo.

Considerações finais

Em outro tempo, em 1944, Hayek (2010) trouxe significativa discussão, mostrando dupla preocupação: com o nacional-socialismo e o socialismo. De forma contraposta, crítica ao comando do capital, pode-se compreender, a partir de Mészáros (2011), uma incontornabilidade sociometabólica do capital, a qual se demonstra de fato irrecusável e irresistível.

Hayek, sob o contexto do final da 2ª Guerra Mundial, na decadência político-ideológica do nazismo e do fascismo, mostra suas discussões sobre o Estado, críticas ao socialismo, ou “Estado socialista”, e a importância de um novo ideário baseado no liberalismo, apoiados na liberdade, igualdade e individualismo essenciais. Já com Mészáros (2011), no entanto, foi evidenciado que, em relação às categorias de “Estado” e “socialismo”, a associação de Hayek (2010) entre o “Estado socialista” e o totalitarismo, inclusive como elemento fundante do fascismo e do nazismo, distancia-se dos fundamentos essenciais do socialismo.

Sobre o momento atual, observa-se que há no Brasil um anti-intelectualismo progressivo expressado por narrativas relativistas com consequências desastrosas, como agora em tempos de pandemia. O atual governo de extrema-direita, com tendências de aproximação e/ou inspiração em dois momentos históricos autoritários de amplitude e magnitude diametralmente distintas: a Ditadura Militar que governou o Brasil entre

1964 e 1985 e, ainda pior, com o nacional-socialismo, conforme se pôde visualizar em fatos e narrativas governamentais, sejam cruzados com o texto de Michel Beaud ou com fatos e narrativas de domínio público.

Referências

ALMEIDA FILHO, Naomar de. Previsões terraplanistas sobre a Covid-19 no Brasil têm validade? **Associação Brasileira de Saúde Coletiva**, 27 de abril de 2020.

ALMEIDA, Ronaldo de. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos. CEBRAP**, São Paulo, v38, n01, p. 185-213, Jan-Abr. 2020.

AMARAL, Roberto. **A Serpente sem Casca: da 'crise' à Frente Popular**. Rio de Janeiro: Altadena/CEBELA/IBEP, 2015.

ARAÚJO, Ernesto. Chegou o Coronavírus: o coronavírus nos faz despertar novamente para o comunismo. **Metapolítica 17: contra o globalismo**. 22 de abril de 2020a.

ARAÚJO, Ernesto. Pela Aliança Liberal-Conservadora. **Metapolítica 17: contra o globalismo**. 30 de março de 2020b.

ARAÚJO, Bruno; PRIOR, Hélder. Framing Political Populism: The Role of Media in Framing the Election of Jair Bolsonaro. **Journalism Practice**, p. 1-17, 2020.

ARAÚJO, Wecio Pinheiro. Estado, Ideologia e Capital Contemporâneo: contradições do lulismo e surgimento do bolsonarismo. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 2, n. 13, 2018.

BARBOSA, Gustavo Freire. Além da Terra plana: o terraplanismo como método do governo Bolsonaro. **Carta Capital**, 15 de janeiro de 2020.

BEAUD, Michel. **História do Capitalismo: de 1500 até nossos dias**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BUDÓ, Marília De Nardin; MALVASIO, Daniela Ruschel; BONATTO, Nahia. Perdão ou Esquecimento? O negacionismo no discurso do STF sobre a lei de anistia. **Meritum**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 119-145 jul./dez. 2017.

CASTRO, Maria Eduarda Pessoa; CAVALCANTE, Carmen Luisa Chaves. Os cenários que moldaram a ascensão de Hitler na Alemanha e a eleição de Bolsonaro no Brasil: uma análise de contexto e estratégias de comunicação. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. São Luís: Universidade Federal de São Luís, 2019.

COUTO NETO, Geraldo Homero do. A “nova direita” no YouTube: conservadorismo e negacionismo histórico sobre a Ditadura Militar brasileira. **Revista Ágora**, (29), 83-103, 2019.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DESCAMPS, Philippe; LEBEL, Thierry. Covid-19, menu degustação da crise climática. **Le Monde Diplomatique**, 29 de Abril de 2020.

DRUCKER, Peter. The End of Economic Man. 1939. In: HAYEK, Friedrich. **O caminho da servidão**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

FONSECA, Alexandre Brasil. A COVID-19 e a desinformação que mata. **Le Monde Diplomatique**, 11 de Maio de 2020.

GRIN, M., GHERMAN, M., & CARACIKI, L. Além das águas do rio Jordão: evangélicos, judeus e o contexto político no Brasil contemporâneo. **Int J Lat Am Relig** 3, 253–273, 2019.

HAYEK, Friedrich. **O caminho da servidão**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

HENNING, Paula Corrêa. Estratégias Bio/Écopolíticas na Educação Ambiental: a mídia e o aquecimento global. **Educação Unisinos**. v.23, n. 2, abril-junho. 2019.

HENRIQUES, F. C., ADDOR, F., MALINA, André, & ALVEAR, C. A. S. de. Pavimentando o campo da tecnologia para o desenvolvimento social. In: HENRIQUES, HENRIQUES, F. C., ADDOR, F., MALINA, A., & ALVEAR, C. A. S. de. **Tecnologia para o desenvolvimento social: diálogos Nides**. Marília: Lutas Anticapital, 2018.

HERDY, Thiago. ‘Isolamento é coisa de comunista’: os zaps bolsonaristas durante a pandemia. **Revista Época**. 03 de abril de 2020.

LIMA, Isabelly Cristiany Chaves; LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. A retórica do “cidadão de bem” no discurso de Jair Bolsonaro: um presidenciável em construção. **Periódicus, Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**, Salvador, n. 12, v.1, p. 404-428, nov-abr 2020.

LINS, Bruno Mäder. Terraplanismo, crise da ciência e pós-modernismo. **Le Monde Diplomatique**, 12 de Março de 2020.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MIGUEL, Luis Felipe. Jornalismo, polarização política e a querela das fake news. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 46-58, nov. 2019.

NARVAI, Paulo Capel. Terraplanismo epidemiológico. *A Terra é Redonda*. 16 mar 2020.

NETO, Livino Virgínio Pinheiro. **Jair Bolsonaro e a busca pelo conflito permanente Análise Crítica do Discurso das publicações no Twitter de Jair Bolsonaro durante a eleição presidencial brasileira de 2018** (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa – Escola de Sociologia e Políticas Públicas, 130f, 2019.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoly. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galáxia (São Paulo)*, São Paulo, n. 41, pp. 31-47, Aug. 2019.

ROCCO JUNIOR, Ary José. “Todos Juntos Vamos, Pra Frente Brasil” – o Futebol, os meios de Comunicação, o Público e o Privado. *EXTRAPRENSA*, Edição Especial, v. 3, n. 3. p. 756-771, 2010.

SANAHUJA, José Antonio. Crisis de la globalización, el regionalismo y el orden liberal: el ascenso mundial del nacionalismo y la extrema derecha. *Revista Uruguaya de Ciencia Política*. v. 28 (1), Montevideo, pp. 59-94. Jul. 2019.

TEIXEIRA, Adriana; SANTOS, Rogério da Costa. Fake news colocam a vida em risco: a polêmica da campanha de vacinação contra a febre amarela no Brasil. *RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, pp. 72-89, jan./mar. 2020.